FEIJÃO

EM 1984, A REGULARIDADE DO ABASTECIMENTO DEPENDE FUNDAMENTALMENTE DO NÍVEL DE PRODUÇÃO DA SAFRA DA SECA, CUJO PLANTIO ENCONTRA-SE EM ANDAMENTO. PARA ISSO, DEVERÁ PRODUZIR 1,1 MILHÃO DE T OU MAIS, IGUALANDO OU SUPERANDO A PRODUÇÃO ESPERADA NA SAFRA DAS ÁGUAS.

O abastecimento do mercado, há meses, vem sendo feito, basicamente, com o produto dos estoques governamentais, até mesmo da safra 1981/82, vendido pela **CFP**. Apenas a partir do fim de dezembro, começou o ingresso do feijão da nova safra e calcula-se que os estoques oficiais, em janeiro, tenham chegado a escassas 50 mil t. Neste início da comercialização, a maior parte das operações é de produto originário de São Paulo, principal consumidor do feijão de cores. O mais importante estado produtor, porém, é o Paraná que, nesta safra, poderá contribuir com quase 40% da oferta.

O **IBGE** está estimando a produção das águas em 1.124.653 t, cerca de 43% maior do que a da safra anterior e a área plantada deve ter sido, segundo a mesma fonte, reduzida dos 1,756 milhão de ha de 1982/83 para 1,638 milhão de ha neste plantio (–6%).

De acordo com o **Departamento de Economia Rural da Secretaria da Agricultura do Paraná**, foram plantados 680 mil ha no estado, confirmando-se a previsão mais otimista anteriormente elaborada pelo órgão (entre 670 mil ha e 680 mil ha). Quanto à produtividade física, porém, sequer a avaliação conservadora, de 750 kg/ha poderá ser atingida, o que, no caso do feijão, ocorre a maior parte das vezes. A sucessão de problemas climáticos localizados reduziu o rendimento agrícola, no início da colheita, efetuado no Norte e Nordeste paranaenses, a 620 kg/ha. No início de janeiro, 340 mil ha já haviam sido colhidos, proporcionando 220 mil t de feijão. Até o momento não há restrições à qualidade da safra, com a maior parte do produto sendo classificada nos tipos 3 e 4.

É interessante observar a evolução do cultivo do feijão paranaense, no que se refere às variedades plantadas. Na atual safra, o feijão preto é o majoritário, com 52% da produção esperada, predominando a variedade **Tibagi**. Os feijões de cores respondem por 48% da safra, com o predomínio da variedade **carioca** (ver Mapas 01 e 02).

Os preços têm oscilado bastante, com o feijão preto alcançando Cr$ 17.000/60 kg no Sudoeste e Cr$ 20.000/60 kg no Oeste paranaense. Os feijões de cores chegam a Cr$ 30.000/60 kg. Há expectativa de que o feijão preto fique no nível mínimo e esta situação sugere a ocorrência de um menor plantio na safra da seca, algo em torno de 50 mil ha.

Em São Paulo, porém, a safra da seca já está sendo plantada e se espera uma área maior do que a do ano passado. Nas regiões de Itararé e Sorocaba, prevê-se um plantio 20% maior. Em razão do difícil acesso ao crédito e do rigor das condições de pagamento, a maior parte dos agricultores está utilizando recursos próprios.

Na safra das águas paulista também foram registrados problemas com o crédito e com a qualidade das sementes. Devido ao clima favorável, com chuvas esparsas, a produtividade alcançou 780 kg/ha (até a segunda semana de janeiro, 90% da área já haviam sido colhidas). O **Instituto de Economia Agrícola** estimou a área plantada desta safra em 212,8 mil ha, 16,5% a mais do que a safra das águas anterior e prevê uma colheita de 165 mil t.

No mercado paulista, os preços estão estabilizados, após grande recuo, quando do início da colheita. No momento, o preço ao produtor aproxima-se dos Cr$ 30.000/60 kg, razão da propensão a aumentar o plantio na safra da seca.

Se nos dois principais estados produtores da safra das águas a situação pode ser considerada tranqüila, na maior região produtora do Nordeste ocorre o inverso. A **Emater**, em Irecê, avaliou as perdas da safra em pelo menos 70%. Choveu muito pouco e já se sabe que dificilmente haverá alguma precipitação não induzida. Apenas os esforços conjuntos da **Sudene** e do **II Comando Aéreo Regional** poderão salvar o feijão ainda em floração, através do bombardeamento das nuvens. Esperava-se um plantio de 115 mil ha para a região (na safra anterior foram 149,2 mil ha), mas a extensão efetivamente cultivada deve ter sido menor, pois após o dia 15 de dezembro não se plantou mais, pela ausência de cobertura do **Proagro**. Os preços são elevados na região, entre Cr$ 40 mil e Cr$ 45 mil a saca de 60 kg.

Nos demais estados, apesar da escassez de sementes de qualidade, o clima permitiu a obtenção de bons

índices de produtividade, embora não se tenha uma visão definitiva dos efeitos de adversidades climáticas, como os da estiagem no Rio Grande do Sul. Supondo-se que a produção atinja os 1,1 milhão de t previstos pelo **IBGE**, a safra da seca terá de prover uma quantidade igual ou maior do produto, para o pleno abastecimento do mercado. Isto considerando-se que a redução do consumo, detectada, mas não dimensionada, tenha-o situado ao redor de 2,2 milhões de t, contra os 2,55 milhões de t previstos para a safra 1982/83 (ver **Agroanalysis**, vol. 7, nº 11). O esgotamento dos estoques do governo recoloca o país numa situação de vulnerabilidade, que se acreditava afastada por algum tempo. Na verdade, a boa posição das reservas constituídas pela **CFP**, derivava da compressão do mercado por safras relativamente volumosas e, não, de uma política elaborada especificamente com o fim de preservar os interesses de produtores e consumidores.

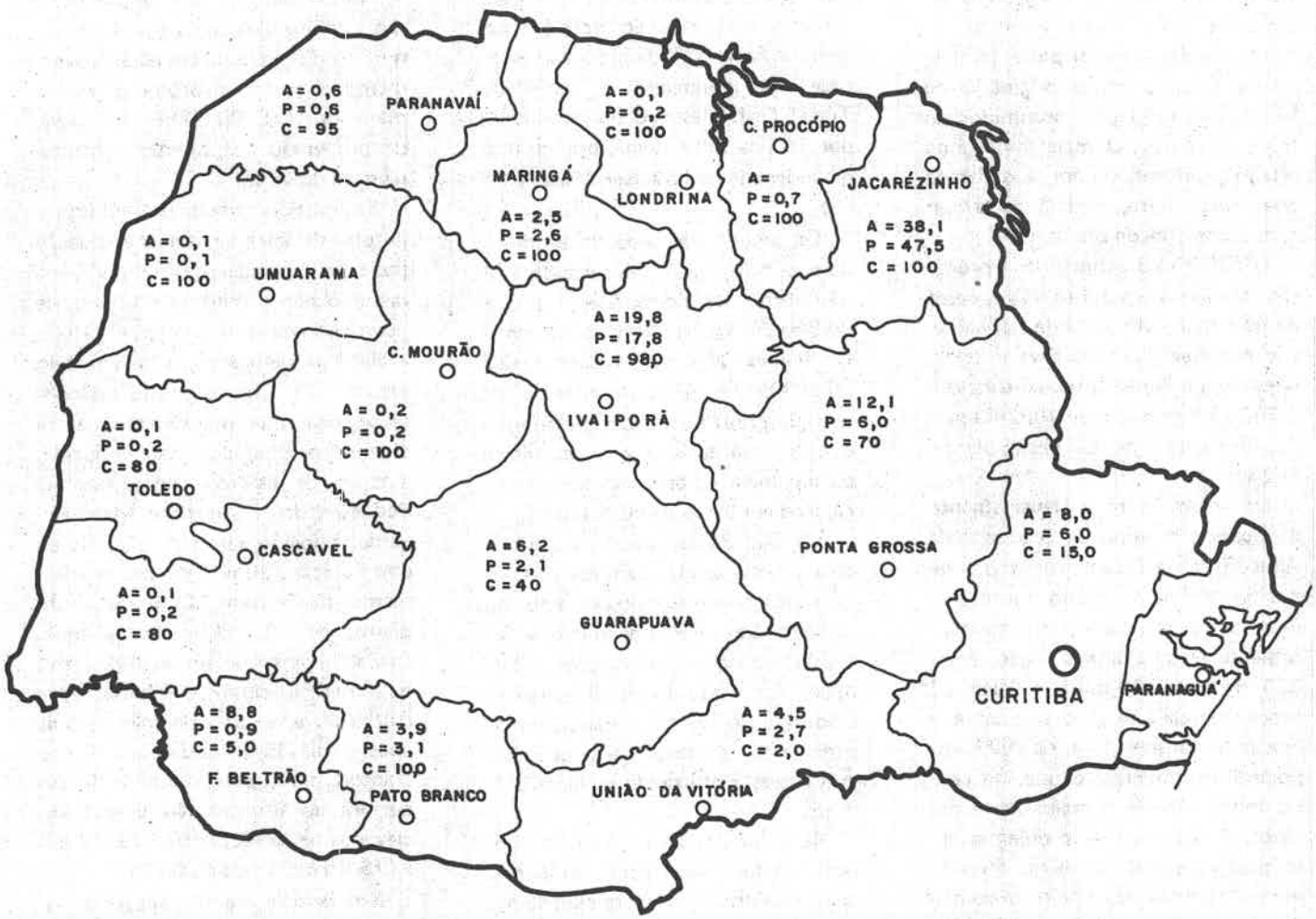
BRASIL - ESTADO DO PARANÁ

FEIJÃO DA SECA (2ª SAFRA)

PARTICIPAÇÃO MÉDIA NA ÁREA E NA PRODUÇÃO ESTADUAL - 1980/1982

(Em %)

MAPA 01



LEGENDA : A = ÁREA P = PRODUÇÃO C = FEIJÃO DE CORES (% da produção na região)

FONTE : DERAL

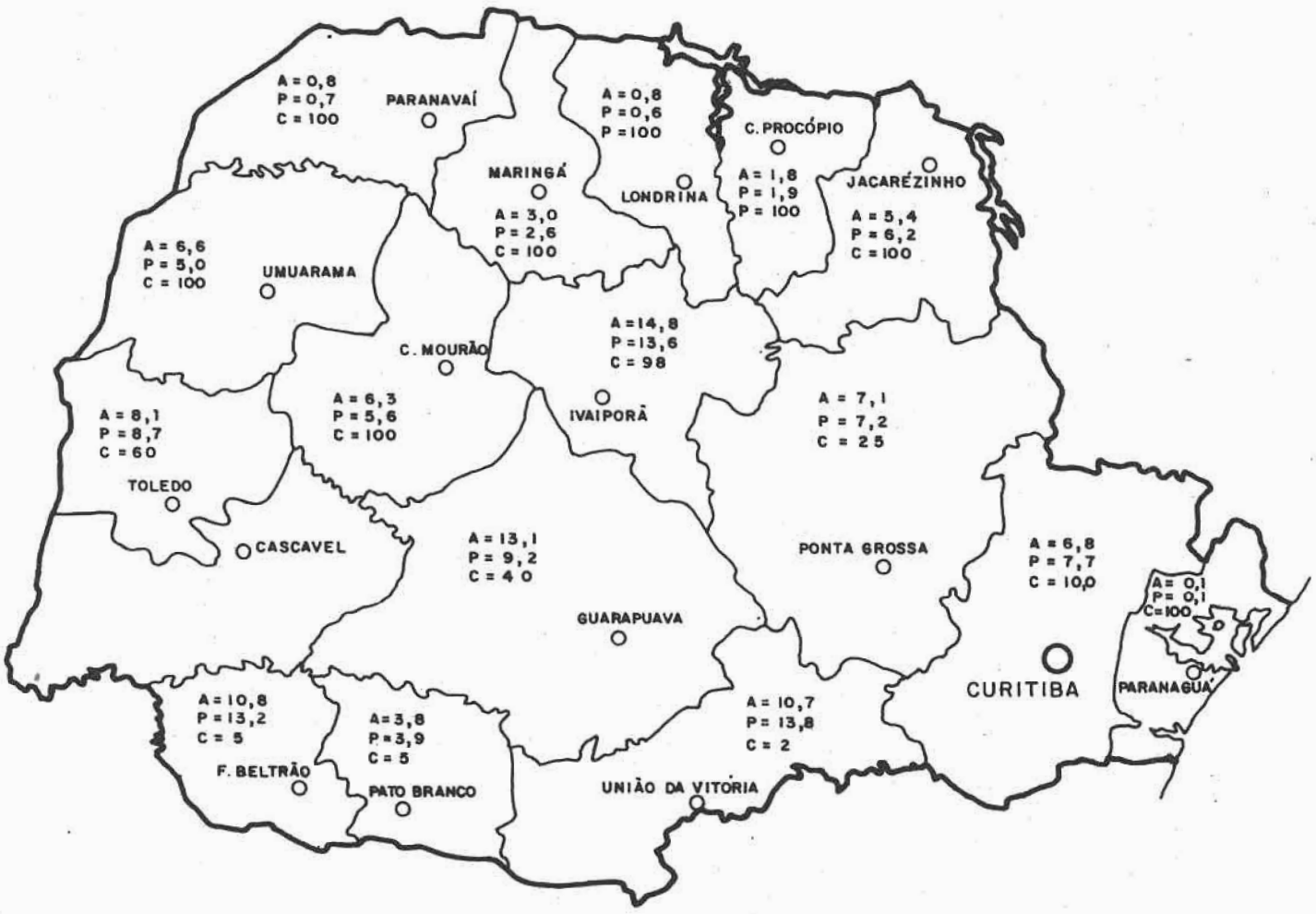
BRASIL - ESTADO DO PARANÁ

FEIJÃO DAS ÁGUAS (1ª SAFRA)

PARTICIPAÇÃO MÉDIA NA ÁREA E NA PRODUÇÃO ESTADUAL-1981 /1982

(Em %)

MAPA 02



LEGENDA: A = Área P = Produção C = Feijão de cores (% da produção na região)

FONTE: DERAL